

ISBN: 978-1502736680

Editora CDA

Número de páginas: 81

Edição: 1(2014)

Formato: A5 148x210

Coloração: Preto e branco

Acabamento: Brochura c/ orelha

Tipo de papel: Offset 75g

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução parcial ou integral sem a prévia autorização do autor.

Claudio Donato

Ensaaios Filosóficos: O abismo sagrado
Filosofia, Tragédia e Poesia



Claudio Donato é filósofo, formado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), estudioso de metafísica, ontologia e fenomenologia.

Sobre e sob o fio da tradição filosófica fenomenológica: *Claudio Donato* foi aluno de *Luiz Hebeche*, que foi aluno de *Ernilo Stein*, que foi aluno de *Martin Heidegger*.

*Assim estão sob tempo oportuno
Vocês, que nenhum mestre educa sozinho,
Mas a maravilhosa onipresença em leves proporções,
A poderosa, a natureza de beleza divina.
Por isso, quando ela parece, durante certas épocas do ano,
Dormir no céu, sob as plantas ou entre os povos,
Também se aflige assim a face dos poetas,
Eles parecem estar sós, contudo, sempre pressentem.
Pois pressentindo ela mesma também descansa.*¹

¹ Trecho do hino *Como em dia de feriado...*, de Hölderlin.

INTRODUÇÃO

Há um diálogo possível entre o tragediógrafo Sófocles, o filósofo Heidegger e o poeta Hölderlin. E tal possibilidade dialógica converge para um único sentido: o destino. A poesia, a tragédia e a filosofia são elementos “a serviço” da história do ser e, portanto, de seu destino. O trágico, o poético e o filosófico apontam para um abismo...

Sófocles deixa falar o destino e os deuses de dois modos diferentes: em *Édipo Rei* é a vida de cego a perambular pelo bosque que dá sentido à tragédia, pois a morte mesma (para Édipo) não chega depressa, como seria de se esperar. Pelo contrário, Édipo deve viver para sofrer: sua vida de privações é o testemunho do esquecimento dos deuses. Antígona, sua filha-irmã, no entanto, após “suplicar”, em vão, a Dikè e a Zeus (ao alto e ao abismo), recebe a visita de um único deus: a morte.

A partir da análise do poema *Como em dia de feriado...*, de Hölderlin, farei uma análise da

história do pensamento desde os gregos, passando pelo poeta alemão e chegando a Heidegger, que, diante do abismo, se pergunta qual a tarefa do pensamento depois de “decretado” o fim da filosofia e, se pergunta também, o que seja este pensamento.

O nexu possível entre os elementos trágico e poético é dado pelo próprio sagrado, que está *entre*.

Entram no amarramento deste trabalho, conceitos como o fim da filosofia, questões sobre a técnica, a maquinação ou armação (*Gestell*), religião como concepção de mundo; e o último deus.

No fundo, este trabalho trata do destino e do trágico.

1 HÖLDERLIN E SÓFOCLES: O POÉTICO E O TRÁGICO

Que fascínio o pensamento de Hölderlin exerce sobre o autor de Ser e Tempo? Como pode um hino pensar a história ou clarear o presente? Qual a relação entre o trágico e o destino? É possível, a partir das leituras de Édipo e Antígona, feitas por Hölderlin, travar um verdadeiro diálogo sobre a história do ser? E mais: é possível um diálogo poético?

Questões como estas me instigam a trilhar este caminho filosófico em busca de um “clarão” que ilumine, como um fio condutor, como uma ponte, a senda que irmana homens e deuses, através de um intermediário ou mediador possível: o poeta: este visionário e ouvinte atento da música do abismo e que aponta, com sua voz e com sua palavra, para o sagrado. Sua voz é a própria voz da

natureza, que é sagrada, como dito no hino *Wie wenn am Feiertage...*², de Hölderlin.

A partir do diálogo com Sófocles, Hölderlin questiona o que é a essência da *Tragédia*, e como ela pôde ser a suprema expressão da arte na Grécia.

Comparando a natureza com a arte, desde um conceito aristotélico, pode-se entender a arte como aquilo que leva a termo, que realiza o que a natureza foi incapaz de realizar. Essa realização, no entanto, segundo Aristóteles, é imitação (*mímesis*). Que dignidade haveria em uma criação não-autêntica, como cópia da natureza? Será mesmo que a arte cria como criou o Demiurgo?

Mas, para Hölderlin, quanto mais contato a criação artística tem com o “nativo” tanto mais genuína ela é, e mais próxima está de expressar aquilo a que realmente se propõe: a própria natureza, e não mera cópia ou imitação.

²

Como em dia de feriado...: Hino de Hölderlin.

Ora, a arte nativa é a arte da terra natal. Como se afastar da natureza se não saímos da terra natal?

O elemento nativo na arte é expresso pelo sentido da tensão entre apolíneo e o dionisiaco. Para Hölderlin, há uma grande luta para a cultura conseguir se livrar, por um momento, da força pânica de Apolo (não de Dioniso como pensava Nietzsche) e se afirmar como base da natureza grega. O Apolo hölderliniano não é “um contrário absoluto de Dioniso, mas sua mais alta realização como o extremo da força viril”. (BEAUFRET, 2008. p.12).

A arte grega se ocupou, desde sempre, com a tentativa de equilibrar esta natureza pânica³ do conflito entre Apolo e Dioniso e estabelecer uma harmonia, acalmar o tumulto.

Para uma melhor compreensão da arte trágica e da tragédia em geral, Hölderlin compara o

³ A palavra pânico refere-se ao estado psicológico ou conflituoso entre suas entidades, mas têm origem etimológica na Mitologia: deus Pã.